

HELENA: FINA, RECATADA E DO LAR: A AMÉLIA MACHADIANA DO SÉCULO XIX.

Autora: OLIVEIRA, Maria Helena Cardoso¹

Co-autora: SILVA, Jéssica Marcelino da²

Orientador: COSTA, Edson Tavares³

Resumo:

A sociedade estereotipou a perfeição feminina a partir de um conceito de submissão; a fragilidade em assumir papéis convencionalmente masculinos, primeiro pela força física, depois pela detenção do próprio poder, fez com que a mulher assumisse uma postura apenas de dona de casa, cuidadora da família, das refeições e do lar. Esse padrão social, também refletiu nas obras literárias. Machado de Assis, em “Helena”, retrata o patriarcalismo, o machismo e a subserviência da mulher, que, sendo reconhecida pela família nobre, vivia a servir às vontades do meio-irmão. A rígida hierarquia mostrava que a figura feminina era impossível de ascender socialmente e viver a liberdade de suas próprias escolhas. Tornar-se servil era uma espécie de herança e destino a todas as mulheres, até a morte. Neste artigo, buscaremos analisar a visão machista sobre o papel da mulher, na sociedade do século XIX, tendo como base teórica Butler (2017), abordando questões de gênero, Foucault (2017), com questões de sexualidade.

PALAVRAS CHAVE: Machismo, Patriarcalismo, Subserviência feminina.

Sobre Helena

As características mais marcantes nas obras de Joaquim Maria Machado de Assis são o amor e as mulheres, aspectos que consagraram na sua literatura um período de transição entre o Romantismo e o Realismo. Considerado um dos maiores escritores brasileiros, pela amplitude dos variados gêneros que escreveu, além de escritor, cronista, contista e poeta, Machado, também foi jornalista e teatrólogo.

“Helena”, assim nomeada em face da protagonista, foi escrita em 1876, na primeira fase machadiana, apresentando características do período literário, que era o Romantismo. O livro tem como foco central a história de uma filha bastarda, que, após a morte do pai, sai do internato e é acolhida no seio familiar; o testamento assegurava que metade da fortuna da família seria administrada por ela. Isso, para o pensamento convencional da sociedade brasileira do século XIX, pode caracterizar uma forma de

¹ Universidade Estadual da Paraíba, hel_let@hotmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba, werniek.jessica@live.com

³ Universidade Estadual da Paraíba, edsontavares5@hotmail.com

“liberdade feminina”, uma vez que, sendo a mulher subserviente ao pai, ao marido e aos irmãos, não tinha condição, inclusive financeira, para tomar suas decisões, e Helena surge como o símbolo da mulher empoderada.

Mas, ao observarmos a trajetória da personagem e sua postura, quando Assis (1994) diz: “Era dócil, afável, inteligente (...). Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes”, veremos que Helena é caracterizada pela delicadeza, condicionada a atender as expectativas de boa administradora do lar e uma futura esposa exemplar, desejada posteriormente, até pelo meio-irmão:

A alguns passos de distância, entre duas laranjeiras, viu Helena a ler atentamente um papel. Era uma carta, longa de todas as suas quatro laudas escritas. Seria alguma mensagem amorosa? Esta ideia molestou-o muito. Afastou-se da janela, conchegou as cortinas, e pela fresta procurou observar a irmã. Helena estava de pé, no mesmo lugar, e percorria rapidamente as linhas, até ao final da última página. Ali chegando, deu dois passos, tornou a parar, voltou ao princípio da carta, para a ler de novo, não já depressa, mas repousadamente. Estácio sentiu-se movido de imperiosa curiosidade, à qual vinha misturar-se uma sombra de despeito e ciúme. A ideia de que Helena podia repartir o coração com outra pessoa desconsolava -o, ao mesmo tempo que o irritava. A razão de semelhante exclusivismo não a explicou ele, nem tentou investigá-la; sentiu-lhe somente os efeitos, e ficou ali sem saber o que faria. (ASSIS, 1994, p. 40)

De acordo com Foucault (2017, p. 90), o desejo inconsciente e reprimido de Estácio pela meia-irmã é “uma articulação entre o desejo e o poder, isso porque no que diz respeito ao sexo, o poder é o que dita a lei, ou seja, que não se escapa do poder que ele sempre já está lá e constitui até o que se tenta lhe opor”. Assim, sendo o desejo um mecanismo de controle, a relação estabelecida entre Estácio e Helena tem muito mais a ver com o machismo, representado através das atitudes dele, do que pelo próprio elo de afeição.

Dessa maneira, ao observar o comportamento de Estácio durante toda a trama, identificamos situações de dominação, que se sobressaem mais que a paixão impossível que alimentara, como, por exemplo, na passagem que busca o Padre Melchior, para tomar satisfação sobre o arranjo do noivado de Helena:

Estácio não se atreveu a dizer logo o motivo que o levava ali; mas de sua própria hesitação deduziu Melchior qual era ele.
— Trata-se de Helena. Sei que é nosso amigo, confio em seu conselho e discrição. Como deseja a felicidade de minha família, buscou facilitar o casamento de Helena e Mendonça...
— Contando com a sua aprovação, explicou o padre.
— Hesito em dá-la.

— Por quê? Estácio explicou que Helena não tinha inclinação ao noivo que se lhe propunha, ao que Melchior respondeu, referindo singelamente a verdade.

— É certo que o não ama ardentemente, concluiu ele, mas aceita-o, aprecia-o, está a meio caminho da felicidade que lhe devemos dar.

— Há uma dificuldade, padre-mestre; é que ela ama a outro. Melchior empalideceu; o olhar escutador, como o de um juiz, cravou-se imóvel e afiado no rosto de Estácio. A fronte severa do moço não se alterou, nem seus olhos baixaram a terra.

— Ama a outro, continuou ele; paixão violenta, mas sem esperança, e tão real quão misteriosa. Uma ou duas vezes aludiu a ela; nada mais lhe pude arrancar. Agora mesmo, quando lhe falei a tal respeito, desviou daí o sentido e a conversação. Nada mais sei; sei, porém, que ama, e casar com outro em tais circunstâncias dá dois inconvenientes igualmente graves: priva-se da possibilidade de uma união feliz com o homem que interiormente elegeu, e leva para a casa do marido um sentimento de pesar e de remorso. Parece-lhe isso tolerável? (ASSIS, 1994, p. 87)

Para Foucault (2017, p. 94) isso funciona como sendo um dos “mecanismos de poder sutis e delicados”, os quais são atrelados à tendência da forma negativa e da interdição, como uma espécie de ocultismo para manter em segredo a ordem do abuso. Isso porque, “o poder, como puro limite traçado à liberdade, pelo menos em nossa sociedade, é forma geral de sua aceitabilidade”, ou seja, na fala de Estácio, Helena não poderia casar-se, porque não amava o rapaz e, portanto a sua decisão de não permitir teria a ver com os interesses de proteger os sentimentos da irmã. O que traveste a ideia de posse sobre Helena.

Na continuação da conversação entre Estácio e o Padre Melchior, observamos que o discurso dominante ganha espaço pra mais uma justificativa:

— Não há remorso, não há pesar onde não há esperança, redarguiu o padre. Helena aceita o Mendonça por espontânea vontade; e conheço a tanto que não acho já possível que ela recuse.

— Salvo o meu consentimento.

— É claro; mas por que o não daria?

— Porque não desanimou de descobrir a pessoa a quem Helena entregou o coração. Talvez ela ache impossível aquilo que é simplesmente difícil. Demais, não esqueçamos que Helena mal tem dezessete anos.

— Valem por vinte e cinco.

— Pode ser; mas convém não aceitar de coração leve uma condescendência ou um capricho, ou qualquer outro motivo oculto que a inspira nesta resolução. (*Idem., ibid.*)

O que anteriormente Estácio justificara como sendo em razão dos sentimentos, agora ganha uma nova roupagem, em vista da pouca idade de Helena. Foucault (2017, p.103) denomina de “relações de poder inteligível”, porque existe um objetivo principal a ser atingido, e funciona de maneira tão articulada que acaba encontrando apoio a partir da sua justificação.

Nessa época, foram muito reprimidos os aspectos sobre a idade feminina (o que discutiremos com mais propriedade adiante), mas o que queremos chamar a atenção neste ponto é o elo entre o amor e o poder, descritos sutilmente por Machado, evidenciando o domínio que o homem tinha sobre a mulher. Primeiro, caracterizado pelo Padre, que arranjava os casamentos, exercendo o papel de conselheiro da família e de soberano da Fé, e, portanto, instituía, em nome da Igreja, o que era certo e o que era errado, decidindo sobre a vida dos fiéis, como autoridade “suprema” da sociedade. E segundo, pelo meio-irmão, que ditava as ordens dentro do lar, o que lhe fazia a figura mais imponente naquele âmbito, já que todas as decisões partiriam da sua ordem final.

A imagem de Helena nos permite observar as características machistas e patriarcais de uma sociedade preconceituosa e rígida, no século XIX, em que o Romantismo travestia a ideologia de que a submissão era algo natural e condicional ao papel de “ser mulher”.

A Amélia

“Amélia” surgiu como termo pejorativo à figura da mulher subserviente. Isso porque uma das músicas de autoria de Mário Lago e Aaulfo Alves, gravada pelo próprio Aaulfo, em 1942, e que ficou famosa na voz de Nelson Gonçalves, na década de 50, descreve a “mulher de verdade” como sendo aquela que compreende todas as dificuldades do marido pobre, que se esforça para dar-lhe uma vida melhor e se cala às vontades do homem, atendendo a suas expectativas e esquecendo-se até de si.

A atribuição à popularidade dessa fantasia de que a mulher perfeita deveria seguir os passos da descrita na música, fez com que se criasse o jargão de que toda mulher que não consegue ser dona das suas próprias vontades e vive para ocupar-se em obrigações domésticas ou em favorecimento do parceiro sejam nomenclaturadas de “Amélia”.

Assis (1994, p. 15) diz: “O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres”. A descrição da protagonista nos transpõe a ideia de que, mesmo em 1876 não havendo um termo

específico para depreciar a figura feminina, a visão machista do século continha a ideia de que a acomodação à determinadas situações fazia da mulher um ser extraordinário.

Mais adiante, na obra, vemos Helena exercendo o papel de enfermeira, a cuidar da tia doente, preocupada com o funcionamento da casa, com a aparência e o bem estar de Estácio, ao ponto de adoecer gravemente, sem se dar conta de que estava vivendo em detrimento de todos, menos de si.

A questão da idade

Até bem pouco tempo, a maturidade feminina estava relacionada ao casamento, que, por sua vez, tinha a ver com aspectos cronológicos e culturais. Ou seja, o que definiria uma mulher madura, experiente e respeitada socialmente era o fato de ela ser casada ou não.

Segundo Strauss (*apud* BUTLER, 2017), a mulher era vista como objeto de troca para consolidar e diferenciar as relações de parentesco através de um dote e assim constituir “um signo de valor” num ritual de laços internos de clãs. Dessa maneira, a mulher assegurava a reprodução do nome também do clã masculino destinado a ela, e, por tal razão, não constituía identidade alguma, mas distinguia e vinculava os vários clãs de maneira patrilinear. Ou seja, a mulher sempre ocupou o papel secundário na sociedade, e desde muito cedo os valores sociais eram transmitidos em vista apenas do matrimônio e do lar; é o que Foucault (2017, p.115), chama de “dispositivo de aliança”, pois indica um sistema de matrimônio através da fixação e do desenvolvimento dos parentescos, através da transmissão de nomes e bens.

O casamento entre menores tornou-se formalmente assegurado a partir de 1916, com a elaboração do Código Civil, que vigorou até 2002⁴. Após a sua reformulação, no ano supracitado, o Artigo 1.656, assegurou “que o sobrenome do outro pode ser adotado por qualquer um dos nubentes”. Embora isso tenha sido um avanço significativo, percebemos que, no enlace de casais heterossexuais, por exemplo, ainda preferencialmente se consagra à mulher o sobrenome do marido, reafirmando, mais uma vez, que a sociedade moderna ainda traz resquícios da opressão masculina de outrora.

4 Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L3071.htm , acesso em 08/06/2018.

No patriarcalismo, à medida que as habilidades relacionadas às responsabilidades domésticas fossem sendo desenvolvidas pela moça, o *status* de virtude ia sendo constituído, até que ela, finalmente, estivesse pronta para assumir o seu papel público de servil reprodutora.

O casamento, além de ser moeda de troca de linhagem, também era uma disputa de território, uma conquista. O primeiro fator é que a moça mais inteligente, educada e habilidosa, que conhecesse as regras de etiqueta, tocasse algum instrumento musical (geralmente piano) e falasse outras línguas; era a mais pleiteada; segundo, pela questão do dote, que permitia ao marido, determinada quantia financeira para ser seu novo *dono*.

Mas, isso tinha um “tempo limite”, ou seja, ao atingir uma certa idade sem casar-se, a mulher também era mal vista pela sociedade, ainda que tivesse boa conduta moral e fosse prezada.

A descrição da idade de Helena por Machado (1994, p.12), não foi à toa: “Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima da mediana, talhe elegante e atitudes modestas”, porque o padrão exigia que as moças casassem e exercessem seu papel social desde muito jovens. Isso, por vezes, fazia a garota passar da infância diretamente à fase adulta, podando-lhe a adolescência.

Então Helena tornou-se o exemplo de “moça pra casar” da época, e condicionava todas as mulheres ao mesmo papel, já que, segundo Macherey (*apud* Nóbrega, 2015, p. 73), “O discurso do escritor produz efeito de realidade porque utiliza ao máximo o poder de fascinação pela imagem”. E a personificação de Helena, criada por Machado, era a de mulher perfeita, ainda que, na fala do personagem Estácio, muito jovem para tomar decisões tão sérias.

O sexo frágil

Todos nós crescemos ouvindo dizer que “mulher é um sexo frágil”; esse jargão surgiu não pelo comparativo a ser delicada como a rosa, como muitas mulheres pensam, mas por uma questão histórica, já que, para manter os padrões de beleza, muitas moças chegavam a desmaiar de fome ou ficar gravemente doentes.

O uso de espartilhos e demais acessórios que afinassem a cintura comprimiam os pulmões e demais órgãos, o que desencadeava uma série de problemas de saúde,

relacionados à respiração. Os vestidos e saias, extremamente pesados (pois, quanto mais tecido tinha a roupa, mais ostentante era), ocasionavam lesões e problemas de coluna.

Além disso, os esmaltes, tintas para cabelo e maquiagens tinham uma alta composição de chumbo e elementos químicos nocivos, o que lhes causavam intoxicações. Ou seja, ser mulher no século XIX ia muito além de um desafio social de gênero. É o que Butler (2017) chama de Produção *performativa* de uma antologia sexual, uma aparência que se faz convincente com “ser”; mais além, Iriagaray (*apud* BUTLER, 2017, p. 90) cita isso como sendo a maneira de as mulheres participarem do desejo masculino, ao custo de abrir mão do desejo delas próprias. A ânsia das jovens do século XIX em mostrarem-se adequadas para a sociedade e para o casamento tornava-se superior a qualquer outro estímulo. A reafirmação de que eram “mulheres” cobrava o preço da saúde e lhes submetia a suprir a ambição masculina de “possuir” a esposa mais bela.

O *status* de beleza trazia consigo a depressão. A melancolia feminina é algo notório nos registros da época: a infelicidade de não poder ser ela mesma. A mudança de humor de Helena, por exemplo, é descrita:

Alguns segundos antes era sincera a melancolia que lhe ensombrava o rosto. Agora regressara à jovialidade de costume. Dissera-se que a alma da moça era uma espécie de comediante que recebera da natureza ou da fortuna, ou talvez de ambas, um papel que a obrigava a mudar continuamente de vestuário. (ASSIS, p. 32)

A melancolia é o “Eu” dizendo que não está bem. Segundo Butler (2017, p. 113), “o ato da internalização da raiva e da culpa voltam-se para dentro e são perseveradas [...] o eu encontra um modo de voltar-se contra si mesmo”. Nesse contexto, a personagem construída por Machado relutava contra a sua condição de subserviência e seu papel de virtuosidade. Além disso, o fato de não poder vivenciar o amor que despertara por Estácio, traz o sentimento de perda e a melancolia, o que Butler (2017, p.115) chama de “objeto proibido”.

A melancolia de Helena está na autopunição, primeiro, pelo seu objeto de desejo está atrelado a um caso supostamente incestuoso, e, posteriormente (quando descobre

5 Cf. <https://www.megacurioso.com.br/ciencia/71693-mulheres-do-seculo-19-desmaiavam-com-frequecia-entenda-os-motivos.htm>, acesso em 14/06/2018.

que não era filha legítima do Conselheiro do Valle e portanto não era irmã de Estácio), não podendo casar-se com ele porque estava gravemente doente.

A morte da personagem tem significado simbólico. Atenta para a visão machista de que o papel de toda mulher é servir à família e ao lar até a morte e de que o amor verdadeiro (sonho de toda jovem) é algo impossível de ser conquistado.

Conclusão

Tomando a frase conhecida de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se!” (BEAUVOIR, 1980, p. 172), concluímos que o fato de se considerar mulher vai além da ideia de gênero e dos padrões sociais estereotipados para a figura feminina.

Considerar que sempre haverá uma visão preconceituosa e um perfil previamente traçado sobre “o ser ideal”, nos faz considerar que a desconstrução dessa identidade formada por mentes machistas depende unicamente de cada uma das que se consideram “mulher”. É a mulher que exerce o papel fundamental da garantia da espécie, é ela quem administra o lar e tem a responsabilidade de educar os filhos, portanto, cabe a ela também, empoderar-se. É hora de dizer: Não, eu não sou objeto!

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Helena*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith P., *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1 - A vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Aluquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. *Hermilo Borba Filho: Memória de resistência e resistência da história*. Campina Grande, Eduepb, 2015.